

***Hamlet* de Laurence Olivier (1948)**

**CINE CLUBE: 1 de Março 2016**

**Ciclo: Livros e Filmes**

**BIBLIOTECA da FCT/UNL**

**“Em torno da vida como circunstancialidade desamparada, ou: o mundo como palco para a consciência humana, que só *existe* na medida em que encarna – no seu ambíguo protagonismo – a sua própria *inexistência*. E ainda um breve diálogo com três *dramatis personae*”**

**Christopher Damien Aurette**

**(*Hamlet*, Cotovia, 3.1, pp. 110 ss.):**

**Hamlet:** To be or not to be, that is the question:  
Whether 'tis nobler in the mind to suffer  
The slings and arrows of outrageous fortune  
Or to take arms against a sea of troubles  
And by opposing end them. To die—to sleep,  
No more; and by a sleep to say we end  
The heart-ache and the thousand natural shocks  
That flesh is heir to: 'tis a consummation  
Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;  
To sleep, perchance to dream—ay, there's the rub:  
For in that sleep of death what dreams may come,  
When we have shuffled off this mortal coil,  
Must give us pause—there's the respect  
That makes calamity of so long life.

(5.1., pp. 202 ss.)

**HAMLET:** (...) Alexander died. Alexander was buried. Alexander returneth to dust, the dust is earth, of earth we make loam, and why of that loam whereto he was converted might they not stop a beer-barrel? (...)

**LAERTES:** What ceremony else? (...)

(5.2., pp. 238 ss.)

**HORATIO:** Now cracks a noble heart. Good night, sweet prince,  
And flights of angels sing thee to thy rest. (...)

### ***Ham/speare: Acto primeiro (e único)***

***W/Shake/speare*** (personagem por nós inventada que faz as vezes do dramaturgo inglês, **William Shakespeare [1564-1616]**): É isto o que eu faço: crio vácuos onde antes havia mundos habitados, palavras grávidas de granito, escadas e torres, e onde o tempo se erguia na memória duradoura da ilusão. Na verdade, *o teatro faz outra coisa a partir do drama do existir humano*: descobre na gravidez das coisas a inevitabilidade do seu vazio. Detecta nos bastidores da inteligência os corredores de uma fortaleza em ruínas. Revela na palavra a sua exacta e inevitável beleza (de que a criatura humana é porta-voz e igualmente actor desmemoriado). Quero dizer: revela que as palavras com que vestimos o silêncio e mascaramos a verdade são mais encenação do que substância, mais palco interior projectado do que razão realizada, mais guião do que guia.

***Ham/let*** (que dura, i.e., existe tão-só o tempo de uma encenação): Então, o que sou é outrossim o que *não* sou. Sou *ou* não sou? Sou *e* não sou. Eis a resposta. Um «sim» e um «não» a protagonizarem este singular instante durante o qual ajo, penso e ando. Este mesmo instante que, como todos os instantes, marca, ora uma travessia, ora um precipício; aquele mesmo instante que, enfim, precede a dissolução de todo o ser nas rodas daquela despudorada maquinaria a operar por trás das sombras – dessas sombras que se denominam vida. Este instante que se repete infinitas vezes na curva recôndita da dúvida que me/nos rói, na geometria opaca do coração que me/nos prende, na noite da mente que reúne toda a consciência naufragada, seja altiva, seja reles, seja *Ham/let*, ou Yorick, ou Ofélia, ou Hamlet, o rei morto, ou, ainda, Gertrud, a rainha (minha mãe que amo e também renego). Eis o que sou: os meus dias não seguem os ponteiros regulares. Sou aquilo que ainda sobra quando o ser tem por autor o não-ser. Assim, *Ham/let* é o nome de um ser, bem como o cabide para uma sombra. Esse *Ham/let* sou *e* não sou eu. Que pode tanta altivez de príncipe e tanta vulnerabilidade fazer com um ser que erra e cai?

Sou disforme. Sou portador de uma deformidade que recebe a mesma luz que toda a criação recebe mas, afinal, não possuo nem terra nem mar. (Não respiro sequer o mesmo ar que respira uma vela.) Sou, sim (e não), (mero?) cadáver adiado, sombra febril e verme andante. Tenho nas minhas veias o delírio dos poderosos que, numa súbita lassidão da mente, descubrem que são do tamanho do cão faminto a mendigar à porta do mundo (e cujo dono não se avista).

**Espectador (sem tempo e sem lugar: eu, tu, nós/ontem, hoje, amanhã):**

E essa porta e esse mundo pertencem à mesma realidade: palco-superfície onde se encenam as parcas linhas de um estrebuchar e uma ilusão, uma arrogância e uma solidão, uma sombra e um cabide. Afinal, o que sei é isto: somos os nossos palcos. A vida é uma pantomima mesmo que se trate, por vezes, de uma pantomima com vozes. Somos um interlúdio de marionetas frenéticas. Encarnamos o teatro de que somos os involuntários autores e os inevitáveis sacrificados. Eis o drama do existir humano: um drama sem fim que, na sua recursividade infinita, se repete sem fim no palco-mundo de uma humanidade dolente. Somos espectadores e autores. Somos os *Ham/lets* do nosso

próprio mundo ficcionado (por sua vez, criado por um deus ignoto?). Somos e também *não* somos o que as nossas palavras dizem e, ao mesmo tempo, desdizem a nosso respeito: circunstancialidade sem fundo, naufragos sem costa, animais sem paz que, contudo, encham o mundo com a sua animalidade singular.

Jorge de Sena, *Trinta anos de Camões*, p. 53:

“No vácuo aberto entre o medievalismo que vem morrer no Renascimento, e a idade moderna que nascerá, oculta, nas vascas curvilinearmente geométricas do Barroco, *o maneirismo é uma angustiada liberdade*. E daí que, soltos na desgovernada amplidão do mundo que geograficamente se encurva em definitivo até aos antípodas, e que socialmente se estratifica numa hierarquia unitária, eles usem do arsenal artístico que os antecessores lhes legaram, mas para dizerem outras coisas. (...) Daí que, na angústia de um desamparo que, para altos espíritos, não serão as censuras, as inquisições e as intolerâncias (...) que poderão suprir, eles tendam todos para um religiosismo dramático, bem diverso do que tradicionalmente se agregava às novas ou velhas «medidas», e para uma nostalgia política do mundo heróico e medieval (...).” (sublinhado nosso)

**Portais em torno do realizador Laurence Olivier (1907-1989):**

- <http://www.laurenceolivier.com/>
- <http://www.imdb.com/name/nm0000059/>
- <http://www.theguardian.com/stage/2014/jul/11/laurence-olivier-25-years-anniversary-death>
- <http://www.biography.com/people/laurence-olivier-9428279>
- <https://www.criterion.com/boxsets/577-olivier-shakespeare>
- <http://www.history.co.uk/biographies/laurence-olivier>
- [https://en.wikipedia.org/wiki/Laurence\\_Olivier](https://en.wikipedia.org/wiki/Laurence_Olivier)

**Portais em torno do filme Hamlet (1948):**

- <http://www.imdb.com/title/tt0040416/>
- <http://www.screenonline.org.uk/film/id/440240/>
- [https://en.wikipedia.org/wiki/Hamlet\\_\(1948\\_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Hamlet_(1948_film))
- <https://web.archive.org/web/20070707115725/http://www.criterion.com/asp/release.asp?id=82&eid=92&section=essay>

**YOUTUBES:**

- <https://www.youtube.com/watch?v=5ks-NbCHUns>
- <https://www.youtube.com/watch?v=K0xYbpYgdPQ>
- <https://www.youtube.com/watch?v=xczrnjnlAXs>
- <https://www.youtube.com/watch?v=GaFYoBhHEJQ>

**Alguma Bibliografia**

Bazin, André. *What Is Cinema?* Vol. 1. Trans. and selection Hugh Gray. Berkeley: University of California Press, [1967] 2005.

Sena, Jorge de. *Sobre a literatura e cultura britânicas*. Introd. Mécia de Sena. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

------. *Sobre cinema*. Org. e Introd Mécia de Sena; Co-org. e Notas M. S. Fonseca. Cinemateca Portuguesa, 1988. (Neste volume, Sena aborda duas tragédias de Shakespeare, *Otelo* e *Macbeth*, refundidas cinematograficamente por Orson Welles.)

------. *Trinta anos de Camões, 1949-1978, (Estudos camonianos e correlatos)*. Volume I. Lisboa: Edições 70, 1980.

*Shakespeare, Colóquio sobre Shakespeare*. Coord. João Almeida Flor. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ACARTE, 1990.

Shakespeare, William. *Complete Sonnets*. Dover Publications, 1991.

------. *Hamlet*. Edição bilingue. Trad. António M. Feijó. Lisboa: Cotovia, 2001.

------. *Hamlet*. Trad. Sophia de Mello Breyner Andresen. Porto: Lello & Irmão, Editores, 1987.